



Universidade Federal
de Campina Grande

AUTORA: MARIA DE FÁTIMA GOMES DE MATOS SANTOS

**DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE FREI
MARTINHO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA
CRIANÇA NA IDADE CERTA.**

CUITÉ-2013



Universidade Federal
de Campina Grande

AUTORA: MARIA DE FÁTIMA GOMES DE MATOS SANTOS

**DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE FREI
MARTINHO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA
CRIANÇA NA IDADE CERTA.**

Monografia apresentada sob orientação da Prof^a Dra: Denise Domingos da Silva ao II Curso de Especialização em Educação com foco em Ensino e Aprendizagem da Unidade Acadêmica de Educação do CES/UFCG/ campus de Cuité.

CUITÉ-2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S237d Santos, Maria de Fátima Gomes de Matos.

Desafios encontrados pelos professores do município de Frei Martinho no processo de alfabetização e letramento da criança na idade certa. / Maria de Fátima Gomes de Matos Santos – Cuité: CES, 2014.

46 fl.

Monografia (II Curso de Especialização com Foco em Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2014.

Orientadora: Dra. Denise Domingos da Silva.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Formação docente. I.
Título.

CDU 37.014.22

AUTORA: MARIA DE FÁTIMA GOMES DE MATOS SANTOS

**DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE FREI
MARTINHO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA
CRIANÇA NA IDADE CERTA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado pela aluna Maria de Fatima Gomes de Matos, do Curso de Pós-Graduação: Especialização com Foco em Ensino-Aprendizagem, tendo obtido o conceito _____, conforme a apreciação da Banca Examinadora.

Avaliado em 20 de Fevereiro de 2014 às 14:00 h

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dra. Denise Domingos da Silva
UFCG/CES -

Prof. Dr. João Batista da Silva
UFCG/CES

Prof^a Ms. Geneci Cavalcanti Moura de Medeiros
IFRN

EPÍGRAFE

Crianças são como borboletas ao vento....algumas voam rápido....algumas voam pausadamente, mas todas voam do seu melhor jeito....Cada uma é diferente, cada uma é linda e cada uma é especial.”
(Alexandre Lemos – APAE)

Dedico este trabalho Aos meus pais,
exemplos de vida e grandes
Responsáveis pela motivação que tornei
dos meus sonhos realidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai e Senhor de todas as horas por nos ter agraciado com os dons da sabedoria, discernimento e paciência durante este curso.

A meus pais e familiares pela compreensão dos momentos ausentes.

Ao meu esposo Marcos e meus filhos Gabriel e Ester pelo amor, paciência e compreensão por tantas vezes que os deixei sós.

A Secretária Aguifaneide pela amizade, confiança e colaboração.

As Docentes da Formação continuada do PNAIC que gentilmente se disponibilizaram em colaborar com seus conhecimentos para o engrandecimento do meu aprendizado.

A Universidade Federal de Campina Grande – CES – Cuité - PB pela oportunidade, bem como a Coordenação da especialização e aos Mestres por acreditarem em nosso potencial e nos incentivarem a prosseguir em busca do conhecimento.

A Orientadora Profa. Dra. Denise Domingos da Silva pela amizade, incentivo, orientações e paciência a mim dedicados.

Por fim, a todos os companheiros de jornada diária de trabalho que direta ou indiretamente colaboraram conosco, como também aos amigos do curso de Especialização pela troca de experiências.

RESUMO

O presente trabalho tem como foco principal investigar as dificuldades encontradas pelos professores na prática de alfabetização e letramento, das séries iniciais, do Ensino Fundamental do Município de Frei Martinho. O objetivo é analisar as problemáticas enfrentadas pelos professores, quanto as suas dificuldades em sala de aula do ciclo de alfabetização, refletindo sobre a prática pedagógica do professor, de forma a melhor subsidiar suas ações; conhecer alguns princípios metodológicos para o trabalho com a formação inicial e continuada de professores, voltada para a problemática da alfabetização e letramento na idade certa. Foi utilizada metodologia qualitativa e como instrumentos de pesquisa a observação do espaço escolar, como também um questionário contendo 21 (vinte e uma) questões relacionadas à temática em estudo, aplicados a 8 (oito) educadores das Unidades de Ensino EMEF Eliete Souza de Araújo Silva, EMEF João Fernandes Falcão e EMEF Joaquim Domingos de Moura. Nesse contexto, as dificuldades apresentadas pelos professores alfabetizadores, através da pesquisa qualitativa com perguntas abertas e semi abertas em “locus”, nos permitiu refletir sobre a influência que a formação docente, seja ela inicial ou continuada, exerce na prática docente. Diante dos resultados podemos analisar que a maioria dos educadores entrevistados concordam com a complexidade de alfabetizar e letrar na idade certa. As questões que permearão as discussões desse trabalho terão como base teórica os seguintes autores: Magda Soares, Ângela Kleiman, Paulo Freire, entre outros que surgirão durante a pesquisa, além das publicações do MEC para a formação de professores do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa). Portanto, o trabalho proposto tem a pretensão de contribuir positivamente com a prática pedagógica dos professores alfabetizadores e conseqüentemente melhorar de forma significativa o processo de alfabetização e letramento das crianças envolvidas nesse projeto, além de efetivar a alfabetização e o uso social competente da leitura e da escrita.

PALAVRAS CHAVE: alfabetização, letramento, formação docente, prática pedagógica.

ABSTRACT

This work is mainly focused to investigate the difficulties faced by teachers in the practice of literacy and literacy, the initial series, the Elementary School in the Municipality of Frei Martinho. The objective is to analyze the problems faced by teachers, as their difficulties in the classroom literacy cycle room, reflecting on the teacher's pedagogic practice, in order to better support their actions; know some methodological principles for working with the initial training and continuing teachers, facing the problem of literacy and literacy at the right age. We used qualitative methodology and research instruments as the observation of the school environment as well as a questionnaire containing 21 (twenty-one) issues related to the topic under study, applied to eight (8) educators EMEF Eliete Souza Araújo Silva. In this context, the difficulties presented by literacy teachers through qualitative research with open and semi open questions in "locus", allowed us to reflect on the influence that teacher training, whether initial or continued exercise in teaching practice. Given the results we can analyze that the majority of respondent's educators agree with the complexity of literacy and lettrar the right age. The issues that permeate discussions of this work will have as a theoretical basis for the following authors: Magda Soares, Angela Kleiman, Paulo Freire, among others that will arise during the research, publications beyond the MEC for teacher training PNAIC (National Pact for Literacy Age in One). So thus the proposed work hour pretends to contribute positively to the pedagogical practice of literacy teachers and hence significantly improve the process of literacy and literacy of children involved in this project, besides effecting literacy and competent social use of reading and writing.

KEYWORDS: Alphabetization, literacy, teacher education, teaching practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1- LEGISLAÇÃO	12
2.2- SOBRE PNAIC	16
2.3- SOBRE ALFABETIZAÇÃO	18
2.4- SOBRE LETRAMENTO	23
3. METODOLOGIA	27
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS	28
4.2- CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES	37
5. CONCLUSÕES	41
6. REFERÊNCIAS	43
7. ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

O problema da alfabetização no Brasil tem sido alvo de reflexões e discussões por parte de diversos segmentos da sociedade, destacando-se o próprio MEC (Ministério da Educação e Cultura) que vem disponibilizando investimento nessa área através de diversos programas que contemplam principalmente a Educação Básica com foco na Alfabetização e no Letramento de crianças de 06 a 08 anos de idade, fase compreendida para muitos estudiosos como sendo o Ciclo da Alfabetização ou a Alfabetização na Idade Certa. Desta forma, entendemos que no município de Frei Martinho a realidade não é senão a mesma dos demais municípios brasileiros, fato este, que despertou o interesse em investigarmos sobre as dificuldades encontradas pelos professores no processo de ensino aprendizagem das crianças no ciclo da alfabetização.

Diante disso, o processo de alfabetização tem passado por constantes discussões e por diversos programas ao longo da história e com isso diversos modelos de professores, de métodos de ensino e de programas de alfabetização foram sendo criados a exemplo dos recentes PROFA e Pro – Letramento do MEC e do Circuito Campeão da Fundação Ayrton Senna. Neste contexto de programas e métodos de alfabetizar, estamos vivenciando atualmente mais uma iniciativa do Ministério da Educação em parcerias com as universidades que é a Formação Continuada para professores em serviço, visando atender a proposta do Plano de Ações Articuladas para a Educação Nacional e também ao PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) que propõem e/ou pactua com Estados e Municípios a alfabetização de crianças até os 08 anos de idade, tendo como perspectiva a metodologia sociointeracionista, além de propor a associação de novas abordagens do ensino da língua às novas Concepções de formação, especificamente em se tratando da alfabetização na idade certa, como propõem Andrea Ferreira (caderno de formação do PACTO).

Nesse sentido percebe-se, portanto, que a Alfabetização e o Letramento das crianças são considerados a base para a continuidade da escolarização com

sucesso e porque não dizer de uma vida com sucesso, tendo em vista que a leitura e escrita estão presentes em todos os setores vivenciados pelo indivíduo. Sendo assim, alfabetizar e letrar não podem jamais andarem dissociados da prática docente nem da atenção dos responsáveis pela Educação. E, tendo em vista que os professores que atuam em classes dos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas tem enfrentado uma problemática com relação ao processo de ensino aprendizagem, no que se refere à leitura e a escrita dos alunos, dificultando de maneira significativa o trabalho de alfabetizar e também de existirem, nesse contexto algumas dificuldades por parte dos professores em inovar as ações e aperfeiçoar sua formação educacional. Fatos estes que nos levaram a uma inquietação a fim de investigar de maneira sistemática como acontece o processo educacional dentro da escola e quais as principais dificuldades encontradas pelos professores para que de fato e de direito as crianças se apropriem da leitura e da escrita.

Assim, novos desafios são colocados à formação de alfabetizadores, cujo objetivo é criar condições de restauração e atualização profissional destes docentes, levando-os para uma melhor qualificação para atender as demandas atuais da educação das crianças. E, é no sentido de contribuir para os avanços desse processo que vamos lançar o olhar sobre as dificuldades encontradas na prática diária das séries iniciais, especificamente em relação a alfabetizar, tentando aperfeiçoar o processo de ensino e de aprendizagem na perspectiva do letramento.

Sabemos que a construção da leitura e da escrita é um processo e não se limita apenas a codificação e conhecimento dos signos do alfabeto, são caminhos que se fazem por mão dupla; a técnica (alfabetização) e a social (letramento), ou seja, a técnica e o uso dessa técnica. Porém, acreditamos que esses dois caminhos apesar de diferentes, devem ser trilhados simultaneamente já que não são pré-requisitos um do outro, mas são aprendizagens que acontecem ao mesmo tempo. Ainda em relação a aquisição da leitura pela criança devemos considerar alguns fatores que facilitam as ações de alfabetização como: ambiente alfabetizador, atividades significativas, capacitação docente, auto-estima e incentivo da criança.

Diante de tais constatações pretendemos, através deste trabalho, refletir, questionar e entender situações acerca do que é alfabetização e letramento na idade certa partindo do pressuposto da investigação a cerca das dificuldades encontradas pelos professores na prática de alfabetizar, bem como na reflexão a respeito da influência que a formação do professor exerce sobre a prática pedagógica diária em turmas de Alfabetização e Letramento, dentro do contexto no qual estamos inseridos que é a Rede Municipal de Ensino de Frei Martinho - PB. Como também de posse desse diagnóstico, pretende-se intervir positivamente buscando soluções para amenizar tal situação e desta forma auxiliar o professor em sua prática pedagógica de alfabetizar e letrar na idade certa.

Este trabalho foi dividido em três partes sendo a primeira parte um breve histórico sobre o PNAIC, alfabetização e letramento, na segunda parte analisamos os resultados e as concepções dos professores através da metodologia que envolveu a pesquisa qualitativa através de questionários com questões abertas e semiabertas e a terceira parte que é a conclusão é uma amostra obtida com o trabalho que foi relevante em todos os aspectos educacionais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LEGISLAÇÕES DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)

No campo da legislação, registra-se que o pacto foi instituído pela portaria nº 867 de 4 de julho de 2012, neste documento estão previstas as diretrizes gerais deste programa governamental. Neste campo destaca-se também a portaria nº 1.458 de 14 de dezembro de 2012, que define categorias para a concessão de bolsas de estudo e pesquisa no âmbito do pacto; a medida provisória nº 586 de 8 de novembro de 2012 que dispõe sobre o apoio técnico e financeiro da União aos entes federados no âmbito do pacto e, a portaria nº 90 de 6 de fevereiro de 2013, que define o valor das bolsas dos participantes da formação continuada do Pacto.

Na portaria nº 867 de 4 de julho de 2012 é relevante destacar três dos objetivos do Pacto Nacional elencados no artigo 5º:

I- garantir que todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Portuguesa e em Matemática, até o final do 3º ano do ensino fundamental; III melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) e IV- contribuir para o aperfeiçoamento da formação dos professores alfabetizadores.

Os incisos I, III e IV ressaltados da portaria nº 867/2012 permitem que se observe a ênfase atribuída às áreas de conhecimento Língua Portuguesa e Matemática, tornando secundárias as demais áreas de conhecimento também importantes para a escolarização das crianças nesta idade de 8 anos; que o investimento na qualidade da educação visa a melhoria dos índices do IDEB e que os professores são considerados importantes nessa busca de melhores resultados educacionais.

Freitas (2012) ao analisar o perigoso controle dos reformadores empresariais da educação nos Estados Unidos, alerta para as consequências dessa intervenção, sendo relevante destacar as seguintes: estreitamento curricular; competição entre profissionais e escolas; pressão sobre o desempenho dos alunos e preparação para testes, fraudes e precarização da formação do professor, dentre outras.

Com base na análise deste autor, esta ênfase em Língua Portuguesa e matemática, além de limitar o campo de conhecimentos dos estudantes das séries iniciais do ensino fundamental retira a autonomia dos professores, tendo em vista que, os pressionam a trabalhar intensivamente as áreas do conhecimento que serão avaliadas, para conseguir alcançar os resultados pretendidos nas avaliações de larga escala.

No que se refere às ações previstas para o Pacto, elas compreendem os seguintes eixos apresentados no artigo 6º da portaria nº 867/2012:

- I- formação continuada de professores alfabetizadores;
- II- materiais didáticos, literatura e tecnologias educacionais;
- III- avaliação;
- IV- gestão, controle e mobilização social.

Como pode ser observado na portaria nº 867/2012, a questão da formação continuada de professores e avaliação aparecem como pontos estratégicos do referido programa.

Na Portaria nº 1.458, de 14 de dezembro de 2012 é importante ressaltar que:

Define categorias e parâmetros para a concessão de bolsas de estudo e pesquisa no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, na forma do art. 2º, inciso I, da Portaria MEC nº 867, de 4 de julho de 2012.

Conforme a portaria nº 1.458/2012 que a bolsa dos professores alfabetizadores e orientadores será financiada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Na portaria nº 90 de 6 de fevereiro de 2013, no artigo 1º, incisos I e II respectivamente, ficam definidos os valores de R\$ 200,00 (duzentos Reais) para os professores alfabetizadores e de R\$765,00 (setecentos e sessenta e cinco Reais) para os professores orientadores.

Na portaria nº 90, de 6 de fevereiro de 2013 define que:

Define o valor máximo das bolsas para os profissionais da educação participantes da formação continuada de professores alfabetizadores no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

A formação de professores consiste em um curso presencial destinado aos professores alfabetizadores com duração de dois anos, com carga horária de 120 horas por ano, baseado no Programa Pró-letramento que tem como proposta de trabalho estudos e atividades práticas sendo conduzidos por professores orientadores. Registra-se também que na formação continuada promovida pelo Pacto Nacional em 2013 será enfatizada linguagem e em 2014 será enfatizada a matemática (MANUAL DO PACTO, 2012).

Diante do manual do pacto e também a presidenta da república Faz saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o apoio técnico e financeiro da União aos entes federados no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, com a finalidade de promover a alfabetização dos estudantes até os 8 (oito) anos de idade ao final do 3º ano do ensino fundamental da educação básica pública, aferida por avaliações periódicas.

Art. 2º O apoio financeiro da União aos entes federados no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa será realizado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE e ocorrerá por meio de:

I - suporte à formação continuada dos professores alfabetizadores e formação inicial e continuada de professores com capacitação para a educação especial;

II - reconhecimento dos resultados alcançados pelas escolas e pelos profissionais da educação no desenvolvimento das ações pactuadas.

§ 1º O apoio financeiro de que trata o inciso I do caput contemplará a concessão de bolsas para profissionais da educação, conforme categorias e parâmetros definidos em ato do Ministro de Estado da Educação, e o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos, entre outras medidas.

§ 2º O apoio financeiro de que trata o inciso II do caput será efetivado na forma estabelecida nos arts. 22 a 29 da Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009.

§ 3º A formação a que se refere o inciso I do caput poderá ocorrer em cursos de pós-graduação nas instituições de educação superior públicas participantes do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

§ 4º No âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, será considerada a especificidade da alfabetização dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, por meio da articulação com a formação de professores e a disponibilização de tecnologias educacionais, recursos didáticos e metodologias específicas.

Art. 3º Ato do Ministro de Estado da Educação, no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, disporá sobre:

I - assistência técnica a ser ofertada pela União;

II - atividades a serem implementadas para alcançar o objetivo do art. 1º desta Lei;

III - metas, a serem cumpridas até 31 de dezembro de 2022, que integrarão o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa;

IV - introdução, no currículo das instituições de ensino superior, de disciplinas específicas de alfabetização.

2.2 SOBRE O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. Aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos.

No Manual do pacto (2012) é ressaltado que a alfabetização de todas as crianças brasileiras até o final do 3º ano do ensino fundamental, quando completam a idade de 8 anos, constitui um compromisso do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), em 2007, assim como constitui uma meta do novo Plano Nacional de Educação em discussão no Congresso Nacional.

Como pode ser observado o Pacto é a continuação dos programas implementados durante o Governo Lula (2003-2010) e que trata a relação formação, trabalho docente e avaliação como estratégica para atingir melhores resultados nas avaliações nacionais, como é o caso da Prova Brasil, da Provinha Brasil e da prova que será aplicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) aos alunos do 3º ano do ensino fundamental, a partir de 2014, que se configurará como uma avaliação externa anual para verificar o percurso de aprendizagem dos alunos.

Nessa direção, destaca-se que foram implementados programas de formação para os professores da educação básica que visavam à melhoria dos resultados nas avaliações nacionais, assim como ocorreu com o Pró-Letramento, destinado aos professores das séries iniciais do ensino fundamental que surgiu após a constatação pelo MEC da necessidade de melhorar os resultados o ; no Sistema de Avaliação de Educação Básica (SAEB), em 2003. De acordo com o

MEC, no documento Fracasso escolar no Brasil: políticas, programas e estratégias de prevenção ao fracasso escolar (2005), no que se refere ao desempenho dos alunos da então 4ª série do ensino fundamental no SAEB/2003, o resultado foi de 36,7% de alunos no nível crítico em Língua Portuguesa e de 40,1% de alunos no nível crítico em matemática.

No Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, quatro princípios centrais serão considerados ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico:

1. O Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador;
2. O desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias;
3. Conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade;
4. A ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem.

2.3 SOBRE ALFABETIZAÇÃO

Historicamente, o conceito de alfabetização definia-se como o ensino aprendido do sistema alfabético de leitura e escrita, como desenvolvimento das capacidades de decodificar os sinais e codificação dos sons em sinais gráficos. Partindo dessa premissa, o alfabetizando é considerado uma tábula rasa, alguém que não tem conhecimentos prévios, em que a aprendizagem

acontece pela repetição, memorização, fixação, e o professor detém todos os saberes, conhecimentos e experiências necessárias. Atualmente considera-se o processo de alfabetização em seu sentido amplo, ou seja, deve-se alfabetizar e letrar na perspectiva dos usos sociais da leitura e da escrita.

Nesse contexto, o professor é o mediador deste processo, devendo ser um leitor competente. Segundo Sodré (2008), as metodologias de alfabetiza o evoluíram, de acordo com as necessidades. A história da leitura e escrita foi dividida em períodos:

1  Período: Método Sint tico - da antiguidade até meados do século XVIII, (o mais antigo de todos, tem mais de 2000 anos, ensinava as letras, depois as sílabas).

2  Período: Método analítico - oposi o do método sint tico, tem início no século XVIII estendendo-se até o início do século XX, alfabetizava com palavras e sílabas.

3  Período: Método Paulo Freire - final do século XX utiliza o universo vocabular do aluno.

Considerando a alfabetiza o um processo de constru o de hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, o aluno precisa participar de situa es desafiadoras, que oportunizem a reflexão sobre a língua escrita. Portanto,   por meio da intera o com o objeto de conhecimento que as crianças vão construindo hipóteses de forma progressiva. São essas especificidades do processo de alfabetiza o que não podem ser esquecidas. Não basta apenas o convívio com o material escrito,   necessário ter uma dire o e uma sistematiza o por meio de uma reflexão metalinguística, partindo de textos reais de vários g neros que circulam socialmente.

Como afirma Soares (2003), “a alfabetiza o   algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída no processo de letramento”.

Dentro dessa visão, a alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Para isso, não basta ser um reprodutor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática.

A problemática da educação no Brasil, especificamente a alfabetização, é um assunto complexo, que vai além de teses, de reflexões acadêmicas, de debates políticos, é assunto do cotidiano escolar. As concepções sobre alfabetização e letramento são múltiplas, e embora estudiosos do assunto, professores e até os pais de alunos concordem que aprender a ler e escrever é essencial nos dias atuais, não há uma unanimidade quando nos referimos a melhor ou a mais correta forma de ensinar alguém a ler e a escrever.

Vivenciamos uma época de comunicação rápida, do uso de novas tecnologias, de novas formas de organização de mensagens visuais e escritas, de redes sociais cada vez mais modernas onde a informação é vista e percebida por milhões de pessoas ao mesmo tempo, e é nesse contexto onde nossos alfabetizandos estão inseridos, e são essas que exigem do indivíduo o domínio consciente de diferentes usos da linguagem, da leitura e da escrita. Porém, vale salientar, para que esse domínio aconteça é necessário considerar dois aspectos diversos, mas que precisam ser trabalhados ao mesmo tempo são eles: a alfabetização e o letramento.

Aqui precisamos entender o sentido dessas duas palavras; alfabetização e letramento. Segundo o entendimento da leitura de Magda Soares, alfabetização é a aquisição do sistema de escrita que se faz pelo domínio de uma técnica, ou seja, a criança aprende treinando a grafar e reconhecer letras (símbolos escritos), pegar no lápis, codificar, perceber que o sistema de escrita é formado por letras, sílabas e palavras. Já o letramento, é o uso desta técnica adquirida em práticas sociais de

leitura e escrita. Como a própria Magda diz “não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la”.

Assim não podemos nos desviar do foco e dissociar, em nossas salas de aula, a aquisição do sistema de escrita das práticas sociais de leitura e de escrita. É necessário, portanto, que a escola pense em ações que possibilitem alfabetizar letrando e letrar alfabetizando. Como já foi dito, nos dias atuais, interagir em diversas linguagens não é condição apenas de comunicação e de aquisição de conhecimento escolar, é desenvolvimento intelectual e pessoal.

Neste contexto, surgem novos desafios, novas perspectivas teóricas e/ou releituras de teorias já existentes que levam inevitavelmente a reestruturação de pesquisas, conceitos e avaliações sempre na intenção de priorizar e concentrar estudos não apenas na observação e análise do que e de como se ensina, mas principalmente na investigação minuciosa de como a criança aprende e de como a prática do professor alfabetizador interfere nesse processo.

A esse respeito encontramos esclarecimentos na obra de Bizzoto, Aroeira e Porto (2010) quando elas falam que o professor deve desempenhar o papel de mediador e entendedor do processo de construção do conhecimento do aluno, a partir de seus próprios conhecimentos, como alfabetizador, das teorias e metodologias de alfabetização para que daí em diante possa estabelecer uma ligação concreta entre essas teorias e sua prática pedagógica compreendendo como a criança aprende como ela pensa sobre sua escrita e o que é significativo em sua leitura, só assim, o professor mediador poderá interagir entre a criança e o objeto de seu conhecimento, nesse caso a leitura e a escrita, ou seja, a alfabetização. Sobre isso as autoras Bizzoto, Aroeira e Porto afirmam que:

“Para combinar a alfabetização e o letramento, o professor precisa então, criar oportunidades em que a criança possa vivenciar, intensamente, atos de leitura e de escrita”. Afirmam ainda que: “Essa expectativa por parte do professor é que possibilitará o surgimento de uma atitude positiva em relação à alfabetização e ao letramento”. (2010 p. 44).

Ainda em relação aos processos de alfabetização e letramento e sua relação direta com a formação e/ou prática diária do professor, percebemos que por muito tempo o conceito de alfabetização ficou restrito ao entendimento apenas de que para ler era necessário apenas decodificar sinais gráficos transformando-os em sons, e que para escrever era apenas necessário fazer a operação inversa transformar os sons em signos (letras). No entanto, a partir mais ou menos da década de 80, várias teorias tratam o aprendizado da escrita como um processo ativo, por meio do qual a criança cria hipóteses sobre o funcionamento da língua escrita Bizzoto, Aroeira e Porto (2010). Em relação ao funcionamento da língua escrita como sistema de representação, Cagliari, diz:

“O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente tiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade lingüística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais” (Cagliari, 1998) apud (Bizzoto, Aroeira e Porto, 2010 p. 36).

Neste mesmo íterim do surgimento de teorias que explicam o processo de alfabetização e sua aquisição entra em cena o conceito de letramento ampliando a visão e alertando de que agora estar alfabetizado não é apenas ler e escrever, a alfabetização, contempla também as habilidades e práticas sociais em é necessário aplicar a leitura e a escrita. Neste sentido, Magda Soares (1998) define letramento como:

“Letramento é o resultado da ação de ensinar e apreender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 1998). apud (Bizzoto, Aroeira e Porto, 2010 p. 37).

O contexto de ensino/aprendizagem se faz necessário reiterar que as abordagens aqui apresentadas levam em consideração também os pressupostos teóricos de construção do conhecimento durante o processo de aprendizagem, especificamente da aprendizagem da linguagem escrita e da leitura enquanto atividades humanas que tem função e dimensão histórica e social, levando-se em consideração também para fundamentar o trabalho as teorias que versão sobre: o processo de desenvolvimento do indivíduo (Piaget, 2001), a linguagem como instrumento de interação social e aprendizagem (Vygotsky, 1994), e como se dá o processo de aquisição da leitura e da escrita (Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, 1995), pois não se pode falar em alfabetização sem que estas teorias estejam embasando o trabalho.

Lembremos ainda, que numa sociedade em que é essencial ler e escrever, e que estas atividades ainda são vistas como prioridade apenas da escola para formação dos alunos leitores e escritores, o ensino da leitura e da escrita ainda é um desafio para a ação pedagógica de professores alfabetizadores, no desenvolvimento das práticas diárias de leitura e escrita em decorrência da complexidade que é o seu aprendizado e sua efetivação no contexto sócio-cultural do aluno. Neste aspecto, a escola defronta-se com uma enorme inquietação, que é o “ensinar a ler” e escrever. Ler para entender e expressar-se de forma oral e escrita. Surgindo assim a necessidade de se utilizar a leitura, de forma que esta interaja com os demais contextos do aluno, evidenciando e garantindo que a leitura e a escrita feita diariamente na sala de aula possam de fato, despertar o hábito e o gosto pela leitura, contribuindo assim para inclusão desse aluno no mundo letrado.

É necessário ainda que os alunos sejam trabalhados desde as séries iniciais, objetos dessa pesquisa, para que desenvolvam a capacidade de compreensão e interpretação textual, não apenas a decifração de códigos, que persiste em ser uma das questões mais polêmicas do sistema educacional brasileiro, especialmente no ciclo da alfabetização, uma vez que as escolas públicas, as escolas privadas e os setores afins convivem diariamente com discussões e debates relacionados a esse tema. Segundo Martins (1994):

“(...) O debate decodificação versus compreensão’ parece estar se esvaziando. Ambas são necessárias à leitura. ‘Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível”.

Analisando essa afirmativa e as vivências diárias da escola em observação nesta proposta de pesquisa, pretendemos que o trabalho pedagógico deve centrar-se na perspectiva de que o aluno adquira competências e habilidades leitoras para que a alfabetização e o letramento sejam elementos facilitadores de sua aprendizagem na escola e na vida. E que o aluno apresente de fato, habilidades e práticas leitoras ao final do ciclo da alfabetização, ou seja, aos oito anos de idade como propõem o PACTO de alfabetização lançado pelo MEC (2012) e já mencionado anteriormente.

2.4 SOBRE LETRAMENTO

Um conceito que está em evidência no cenário atual da educação é o de letramento, que pode ser entendido como “o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais” (SOARES, 2004,p.24).

O letramento também pode ser definido como “o uso pelo indivíduo de informações impressas e escritas para inserir-se na sociedade, para atingir suas metas pessoais e desenvolver seu conhecimento e potencial”. (KIRSCH & JUNGEBLUT, 1990 apud SOARES, 2004, p.109). Com isso, a autora valoriza o impacto qualitativo que esse conjunto de práticas sociais representa ao sujeito.

Sendo assim, além de se preocupar com a aquisição do sistema de escrita, a escola deve proporcionar atividades que visem ao letramento: redigir um bilhete, escrever uma carta, responder formulários, ler jornais, revistas e livros, dentre outras que fazem parte do cotidiano de uma sociedade grafocêntrica, pois a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2004). As condições para o letramento são:

uma escolarização real e efetiva da população e a disponibilidade de material diversificado de leitura.

O Dicionário Houaiss (2001) define letramento como “um conjunto de práticas que denota a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito” e, assim como em diversos países, o termo serviu para nomear e reconhecer as práticas de leitura e escrita que circulam socialmente.

No Brasil, o termo letramento foi usado pela primeira vez por Mary Kato (1986) numa obra intitulada “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Depois disso, muitos autores se interessaram pelo tema, tendo como consequência diversas pesquisas científicas.

Segundo Kleiman (1995, p.19), letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos”. Entende-se o conceito de letramento de forma mais ampla que o de alfabetização, pois o letramento inclui o domínio das convenções da escrita, mas também o impacto social que dele advém. Magda Soares, em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros* (2004), discute esse conceito com o objetivo de esclarecer o(s) seu(s) significado(s). Trazendo uma interpretação de que o letramento altera as condições cognitivas – pensa diferente, adquire habilidade metacognitiva, políticas e sociais – relaciona-se diferente no contexto cultural, e lingüísticas – passa a se expressar de modo diferente e utiliza a linguagem em suas diversas possibilidades - do indivíduo, a autora nos remete a duas dimensões do letramento, uma individual e outra social.

A dimensão individual do letramento se refere aos processos e habilidades cognitivas e metacognitivas envolvendo a leitura e a escrita. Deste modo, a autora supracitada faz uma observação importante ao afirmar que:

“ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e a de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade” (2004, p. 39).

A outra dimensão abordada por Soares (2004) é a dimensão social do letramento, a qual considera o mesmo uma prática social, ou seja, o uso que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita em um determinado contexto, relacionando-as com suas necessidades, valores e intenções. Um conceito liberal subjaz a dimensão social do letramento, no qual evidencia a crença de que conseqüências altamente positivas advêm dele. Sendo estas explicitadas por Soares (2004, p.74) como:

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania.

Diferenciando-se dessa perspectiva, a interpretação revolucionária ou radical, não considera o letramento como um “instrumento” neutro a ser usada em práticas sociais, sendo essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais.

Diante dessa nova abordagem acerca do letramento, a Declaração de Persépolis considerou o letramento como sendo:

...não apenas o processo de aprendizagem de habilidades de leitura, escrita e cálculo, mas uma contribuição para a liberação do homem e para o seu pleno desenvolvimento. Assim concebido, o letramento cria condições para a aquisição de uma consciência crítica das contradições da sociedade em que os homens vivem e dos seus objetivos; ele também estimula a iniciativa e a participação do homem na criação de projetos capazes de atuar sobre o mundo, de transformá-lo e de definir os objetivos de um autêntico desenvolvimento humano. (citado em Bhola, 1979, p. 38).

O letramento escolar é outra vertente bastante discutida, evidenciando a estreita relação entre letramento e escolarização. Cook-Gumperz (1991) discute essa relação fazendo um histórico da alfabetização com a escolarização. Segundo o

autor, o processo de alfabetização ocorria de modo informal, onde a aprendizagem acontecia nos grupos sociais e nos mais variados ambientes. A leitura e a escrita tinham um papel recreativo e social, passando a ter valor econômico posteriormente. No século XVI, com os conflitos religiosos, houve a difusão da instrução como meio de garantir a leitura e a interpretação da Bíblia por cada fiel e além do cunho religioso, havia também a necessidade de uma mão de obra capacitada ao trabalho.

4. METODOLOGIA

A metodologia envolveu a pesquisa qualitativa através de um questionário contendo 21 questões a 8 educadores que foi desenvolvida nas escolas Municipais de Frei Martinho que são: Escola Municipal de Ensino Fundamental Eliete Souza de Araújo Silva (Zona urbana); EMEF João Fernandes Falcão- Comunidade Timbaúba de Baixo e EMEF Joaquim Domingos de Moura - Comunidade Quixaba, participaram dessa pesquisa os professores das séries do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.

O presente estudo foi realizado por meio da observação dos professores alfabetizadores das turmas do 1º, 2º e 3º anos, além da coleta de dados através de questionários e entrevistas junto aos professores e equipe pedagógica da referida escola, despertando dessa forma,... A necessidade de investigar, no decorrer de nossa pesquisa as problemáticas e as deficiências de aprendizagem dos alunos no ciclo de alfabetização. Além de procurar questionar como a formação do professor influencia o desenvolvimento da leitura e da escrita e sua apropriação social nas turmas supracitadas, também chamadas de Ciclo da Alfabetização.

Esta pesquisa se fundamenta também, teoricamente, a princípio, no material do curso de Formação continuada do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC e na leitura de diversos estudiosos-educadores que fundamentam teoricamente este assunto no sentido de buscar identificar a dimensão social da alfabetização e do letramento nos professores e alunos pesquisados.

Priorizamos a pesquisa qualitativa para melhor explicitar a realidade em questão Chizzotti (1991, p. 124), diz que “com a técnica da pesquisa de campo distinguimos a entrevista e a elaboração por ser tratar da relevância à investigação qualitativa”.

Para a coleta de dados utilizamos o questionário e a técnica da entrevista partindo de um roteiro semi-estruturado, o questionário versou sobre prática pedagógica, sobre planejamento, formação continuada, dificuldade de leitura e práticas de alfabetização.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

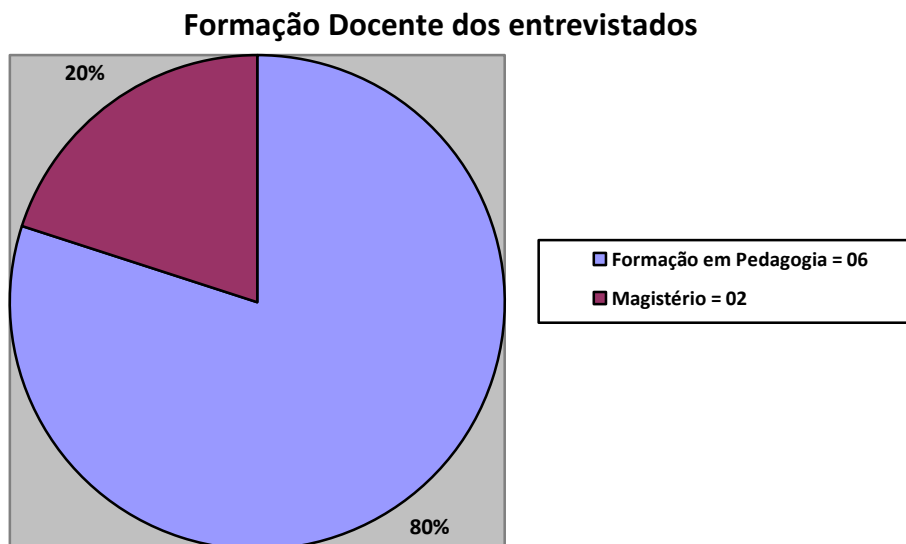
Este trabalho é a apresentação de uma pesquisa desenvolvida a partir da análise sobre “desafios encontrados pelos professores no processo de alfabetização e letramento da criança na idade certa”. Objetivando a concepção de letramento e a convergência entre os termos alfabetizar e letrar, dando condições essenciais para o ingresso e permanência da criança na escola e inclusão na sociedade letrada.

Nesta perspectiva, foram entrevistados professores do 1º ao 3º ano das escolas Municipais de Frei Martinho que são: Escola Municipal de Ensino Fundamental Eliete Souza de Araújo Silva (Zona urbana); EMEF João Fernandes Falcão- Comunidade Timbaúba de Baixo e EMEF Joaquim Domingos de Moura - Comunidade Quixaba, visando detectar os desafios que ocasionam a não construção de conhecimentos relacionados e letramento da criança na idade certa, daí então se formulou hipóteses possibilitando o alcance do objetivo proposto.

4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS

Por meio da pesquisa realizada nas Escolas do Município de Frei Martinho, foram coletados dados com base na informação de oito professores do sexo feminino. Das oito docentes entrevistadas seis têm Formação Superior em Pedagogia e duas têm apenas Magistério.

Figura 02: Representação quantitativa dos professores quanto à formação acadêmica.



Fonte: Pesquisa de campo nas escolas do município de Frei Martinho

Para garantir o anonimato e maior liberdade de análise das respostas dos professores pesquisados serão denominados pelas letras do alfabeto, **(A)**, **(B)**, **(C)**, **(D)**, **(E)**, **(F)**, **(G)** e **(H)**. Vamos priorizar as questões que tem mais importância no nosso contexto diante disso a questão quatro do questionário no qual faz referência à importância das formações docentes para os professores, às educadoras opinaram da seguinte maneira:

Docente A: “*Não, porque alfabetizar não é tão fácil como aparenta ser, para alfabetizar precisa buscar novos conhecimentos e métodos para facilitar a aprendizagem*”.

Docente B: “*Sim, mais cursos, treinamentos nunca é demais para que os meus conhecimentos avancem e desenvolva bem mais do que esperado*”.

Docente C: “*Sim, porque o professor com formação estará preparado para diferentes situações em sala de aula, podendo resolver com êxito*”.

Docente D: *“Considero sim, mas como professores temos que procurar a cada dia novos conhecimentos para acrescentar nas nossas funções diárias”.*

Docente E: *“Sim, porém precisamos está sempre renovando e ampliando nossos conhecimentos para inseri-los na prática diária, por isso é fundamental formações continuadas e outros cursos na área de alfabetização”.*

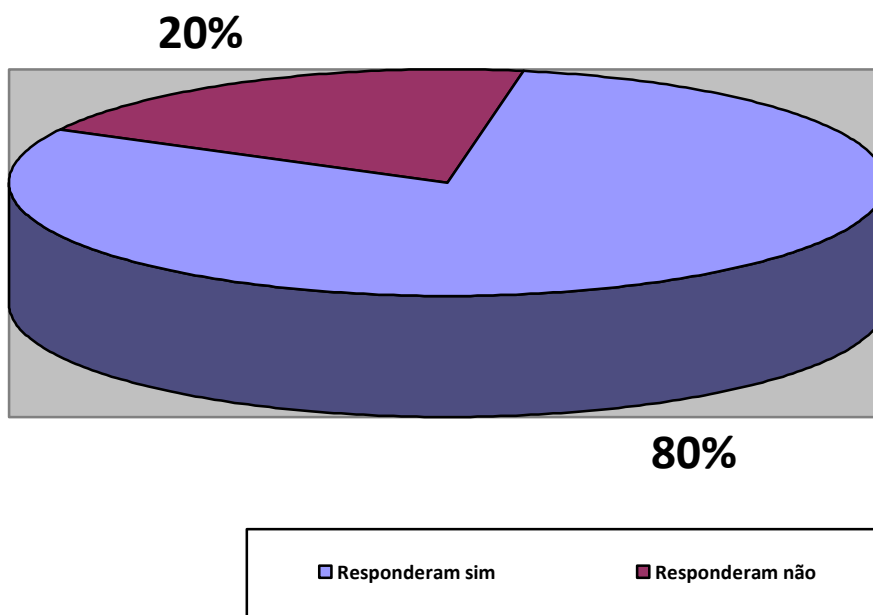
Docente F: *“Sim, pois é uma área que desde que eu era estudante do curso de pedagogia me interessava muito. Desta forma, sempre que tenho acesso a estudos relacionados a alfabetização procuro me aprofundar e melhorar minha prática”.*

Docente G: *“Sim, porque quanto mais qualificação o professor tiver melhor será seu trabalho em sala de aula”.*

Docente H: *“Sim, como educadora é preciso está buscando mais conhecimentos e em cada dia estou aprendendo novos desafios em sala de aula”.*

Figura 03: Representação quantitativa em relação à opinião dos professores quanto à importância da graduação para um melhor desempenho das suas funções em sala de aula.

A opinião dos professores em relação a importância da formação Docente para uma melhor desempenho de suas funções em sala de aula



Fonte: Pesquisa de campo nas escolas do município de Frei Martinho

Diante da pesquisa 80% dos professores respondeu que é necessária uma formação de melhor qualidade, para evitar que os alunos venham concluir o ensino fundamental sem o domínio da leitura e da escrita no contexto social, também acrescenta que a formação teórica sobre o processo de ensino e aprendizagem como também o norteia a respeito de como a criança abrange, considerando as hipóteses que a criança já usa na sua linguagem com relação á escrita da criança tentando colocar a mesma sempre em contato a leitura. E os outros 20% dos professores ao serem questionados a respeito do curso de formação continuada para professores em serviço responderam que facilitam e/ou diminuem as dificuldades que o professor encontra para desenvolver um bom trabalho

alfabetizador, diante das respostas dos professores criam estratégias para atender a todos sem desmerecer o conhecimento prévio.

Dando continuidade às questões sete e oito do questionário foi abordado acerca das metodologias utilizadas em sala de aula pelos professores e as educadoras opinaram da seguinte forma:

Docente A: *“As metodologias mais eficazes são leitura de livros que desperta o gosto pela leitura, jogos diversos, listas diversificadas e produções de texto”.*

Docente B: *“Leitura, escrita e cálculos em especial o ato de ler, pois a leitura nos trás o interesse em escrever, a leitura trabalha questionamentos e discursões á cerca do tema apresentado; desperta o interesse de ilustrar e contar usando as próprias palavras do seu modo de interpretar”.*

Docente C: *“leitura, escrita, ditado de palavras, músicas e outros”.*

Docente D: *“Bem eu considero o método analítico-sintético uma das formas mais eficazes para se alfabetizar”.*

Docente E: *“Não existe um método eficaz a todas as situações, temos que mesclar a nossa prática com o que funciona de cada um e conforme a necessidade da criança”.*

Docente F: *“Uma importante ação no ensino de alfabetização é considerar as hipóteses que a criança tem da língua, como também a evolução da criança com relação à escrita e o colocar sempre em contato com situações de leitura”.*

Docente G: *“Leitura e escrita, porque o aluno que ler bem, conhece o mundo”.*

Docente H: *“Leitura, escrita, planejamento e grupo de apoio”.*

Das metodologias que os professores utilizam para desenvolver o processo de alfabetizar letrando, segundo elas as mais utilizadas são: Leitura de textos diversificados listagem e produção de texto, sendo mais eficazes as leituras de livros

que despertam o gosto pela leitura como também jogos diversos, listas diversificadas, músicas e outros. À medida que a criança vai progredindo em seu desempenho linguístico e distinguindo aspectos da língua oral e escrita ela começa adquirindo conhecimentos necessários e indispensáveis ao domínio da língua, no entanto quando ela estiver alfabetizada decodifica palavras e códigos e quando já está no letramento é capaz de ler e interpretar em diferentes situações sociais.

Na questão 11 (onze), foi questionado a respeito da proposta que o MEC propôs aos Municípios acerca da alfabetização de crianças até os oito anos de idade (PNAIC), com isso as educadoras responderam da seguinte maneira:

Docente A: *“Quanto mais cedo investir na aprendizagem das crianças vai evitar que ela chegue à pré-adolescência sem está alfabetizada o que leva a revolta e evadir-se da escola”.*

Docente B: *“É importante apesar de que cada criança aprende gradativamente de acordo com suas limitações e do ambiente que as cerca”.*

Docente C: *“Importante porque tem o interesse de investigar como anda a aprendizagem dos alunos no tempo adequado por idade e no desenvolvimento da leitura e da escrita”.*

Docente D: *“É de fundamental importância, pois, é através da alfabetização que ele vai desenvolver as diferentes linguagens no seu dia-a-dia”.*

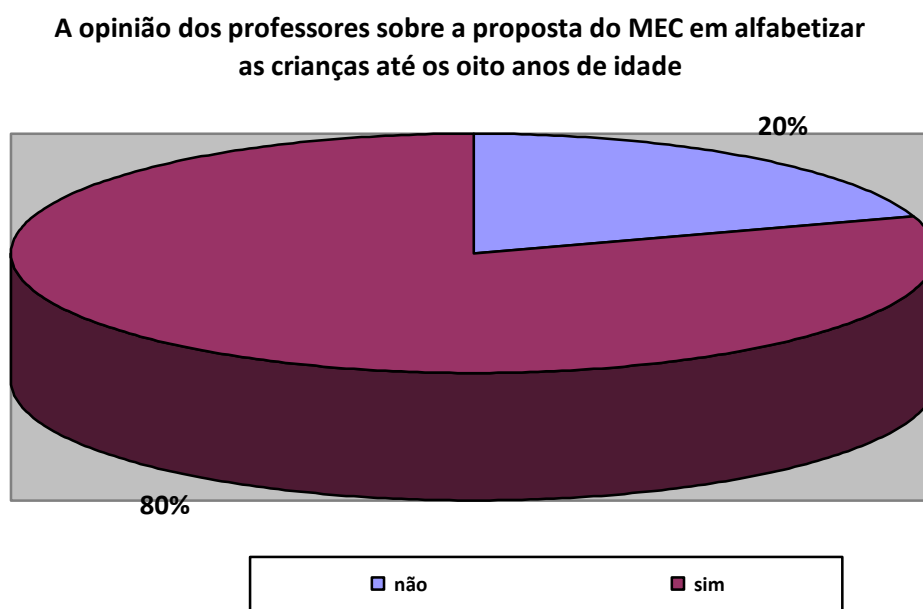
Docente E: *“Não, pois existem crianças que são bem lentas e que demoram mais tempo para se concretizar suas fases da escrita e leitura”.*

Docente F: *“Sim, pois apesar de estipular uma idade ele está dando uma margem entre 6 e 8 anos, porém infelizmente as escolas do nosso país são carente de recursos”.*

Docente G: “Sim, porque quando a criança chega numa certa idade fica difícil de ensinar a ler e escrever”.

Docente H: “A perspectiva assumida, portanto é de uma alfabetização viva, em que as crianças se apropriem da leitura e da escrita de modo ativo, agindo socialmente”.

Figura 04: Representação quantitativa sobre a opinião dos professores quanto à proposta do MEC em alfabetizar as crianças até os oito anos de idade (PNAIC).



Fonte: Pesquisa de campo nas escolas do município de Frei Martinho

De acordo com os professores pesquisados sobre a proposta do MEC sobre a alfabetização de crianças até oito anos de idade, eles acreditam que é importante estabelecer ou determinar uma idade para a criança aprender a ler, escrever e contar. Diante dos dados das entrevistas 20% disseram não, pois existem crianças que são bem lentas e que demoraram mais tempo para se concretizar suas fases da escrita, e 80% responderam que sim, porque quanto mais cedo investir na aprendizagem das crianças vai evitar que ela chegue à pré-adolescência sem está alfabetizado o que leva a revolta sentir-se incapaz e evadir-se da escola.

Quando questionadas a respeito da importância do planejamento escolar, as educadoras opinaram da seguinte forma:

Docente A: *“O planejamento é fundamental em qualquer situação do nosso dia-a-dia, sem planejamento não se tem direção certa a coisa fica solta sem controle e sem planejar como vamos fazer um bom trabalho”.*

Docente B: *“A importância do planejamento vem desde as tarefas de casa/pessoal. Uma aula planejada cria o ambiente tranquilo e envolvente dando uma certa segurança ao desenvolvê-la”.*

Docente C: *“O planejamento é de grande importância porque ao planejarmos, aprendemos a construir e comparar novas estratégias de ação, novas fórmulas de pesquisa, novas teorias e categorias de compreensão, novos modos de enfrentar e definir problemas”.*

Docente D: *“Para fazer um planejamento fazemos uma avaliação diagnóstica acima dos conhecimentos prévios de cada aluno”.*

Docente E: *“O planejamento é algo fundamental na nossa prática é a essência para conseguirmos nossos objetivos na sala de aula”.*

Docente F: *“O planejamento é de grande importância para o desenvolvimento das nossas ações, pois ele nos permite organizar o tempo de forma que contemple os direitos de aprendizagem das crianças”.*

Docente G: *“A necessidade do planejamento faz parte da história do ser humano. O planejamento está na base do currículo escolar, planejamento escolar, plano de ensino e planejamento de aula, do geral ao particular, todos estão relacionados e são fundamentais para o currículo escolar”.*

Docente H: *“O planejamento é de grande importância para o desenvolvimento das nossas ações, pois ele nos permite organizar o tempo de forma que contemple os direitos de aprendizagem das crianças”.*

Sabemos que o planejamento é essencial em qualquer prática humana partindo desse princípio, qual o grau de importância que tem o planejamento na sua prática alfabetizadora de acordo os entrevistados o planejamento é de grande importância para o desenvolvimento das nossas ações, pois ele nos permite o organizar o tempo de forma que contemple os direitos de aprendizagem das crianças. Sendo assim afirmaram que a necessidade do planejamento faz parte da história do ser humano. O planejamento está na base do currículo escolar, planejamento escolar, plano de ensino e planejamento de aula, do geral ao particular, todos estão relacionados e são fundamentais para o currículo escolar.

Para compreender melhor as dificuldades enfrentadas pelos professores foi questionado: **Os principais desafios apresentados diariamente na sua prática pedagógica que dificultam seriamente a alfabetização e o letramento das crianças** e as educadoras opinaram da seguinte forma:

Docente A: *“São a resistência de alguns alunos na leitura diária, nas tarefas para casa que alguns trazem sem fazer, a falta de organização na caligrafia e com seus materiais”.*

Docente B: *“Os níveis alfabéticos, faixa etária e falta de interesse”.*

Docente C: *“Quando a criança não tem interesse, tem preguiça, não tem organização na escrita e nem com os materiais da escola”.*

Docente D: *“Mau comportamento da turma é um dos fatores que mais dificulta o letramento e a alfabetização”.*

Docente E: *“Mau comportamento da turma é um dos fatores que mais dificulta o letramento e a alfabetização”.*

Docente F: *“A quantidade de alunos por sala, falta de profissionais que acompanhem os alunos que precisam de apoio psicológico falta de espaço físico na escola”.*

Docente G: *“Uma grande Quantidade de alunos por sala, falta de profissionais que acompanhem os alunos, ou seja, que precisam de apoio psicológico falta de espaço físico na escola”.*

Docente H: *“As classes multisseriadas, a falta da família na escola, a falta de interesse dos alunos”.*

Diante das respostas dos professores entrevistados, mesmo alguns com formação em pedagogia como também anos de experiências em sala de aula podemos analisar que diante das respostas encontramos professores com dificuldades de alfabetizar e letrar os alunos no processo de alfabetizar na idade certa.

4.2 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

Durante a nossa observação participante dessa pesquisa, percebemos que diariamente as professoras oferecem propostas de como conduzir de maneira organizada as suas salas de aula dessa forma trabalhando para que ocorra o ensino aprendizagem segundo elas para que a aula não caia na rotina e os alunos percam o interesse pela mesma; só realizam uma atividade mimeografada em classe, no entanto, recomendaram leitura de texto como tarefa de casa; as professoras também realizaram as chamadas “rodinhas” para conversa. Nessas rodinhas elas exploram o assunto do dia, além de contarem ou lerem histórias. Entretanto essas rodinhas nunca são feitas no início das aulas.

As atividades fixas que se repetem diariamente são: (identificação e canção do dia), antes e depois do lanche (lavar as mãos), sempre orientando para a

educação em saúde através da higiene e na hora da saída à tradicional (fila). Não existe uma sequência rígida na execução das atividades, uma vez que nos dias observados, as atividades como cantar/ler histórias eram feitas em horários diferentes, bem como as atividades de rodinha, de leitura e de escrita. Percebe-se também que a rotina quase não é mudada e, quando sobra tempo na programação diária, as professoras improvisam grupos de leitura para passar o tempo.

Percebemos que os alunos apresentam dificuldades de ler em sala de aula, mesmo as historinhas apresentadas nas cartilhas ou através de fábulas trazidas pelas professoras para ilustrar a aula. Tratando-se de uma turma de 2ª e 3ª anos subentende-se que os alunos já tem um grau de alfabetização mais avançado, e espera-se que os mesmos já sabiam ler e escrever, mesmo que às vezes precariamente, no entanto não costumamos a perceber que uma das dificuldades da leitura está justamente no fato de que eles têm medo de errar perante os coleguinhas. Outros leem com dificuldades juntando as palavras, assim vimos que é necessário criar um espaço para desenvolver a leitura desses alunos.

Segundo Smolka (1991), é nesse espaço que se trabalham a leitura e a escritura “como formas de linguagem e alfabetização se processam nesse movimento discursivo. Aqui [...] nem todo dizer se constitui a leitura e escrita, mas toda leitura e toda escritura são constitutivas do dizer”. Os professores também relataram em seus questionários que os educadores estão sempre os incentivando a ler e também passando tarefas de leitura para casa, enfatizando sempre a importância da leitura; também demonstram gostar dos textos apresentados em sala de aula já que como podemos observar são textos divertidos no intuito de chamar a atenção da criança para leitura.

Por isso concordo com Ferreiro (1985, p. 12), quando menciona que “deveríamos [...] começar a incorporar em nosso ensino o que os alunos já conhecem sobre leitura e escrita com base em sua própria prática”. Neste sentido os alunos passam a se interessar mais pela leitura pelo fato de que não escolher o que querem ler e não o que é imposto para eles.

Já algumas professoras demonstraram um entendimento e também um interesse pela prática da leitura, vejamos:

“A leitura nos remete a uma nova realidade, é através da leitura que conseguimos mudar a realidade das crianças das comunidades pobre, ensinar a ler e educar, é alfabetizar, é fazer cidadão, é construir dignidade”.

Na visão dessas professoras observamos que as mesmas percebem a leitura como algo fundamental para a educação das crianças, inclusive em suas concepções a leitura é agente transformador da realidade.

Concordamos com essas educadoras, pois também acreditamos na educação como sendo à base de uma sociedade saudável, percebemos na educação e posteriormente na leitura um dos caminhos para transformar o mundo, pena que o poder público não investe nas prioridades como colocar e manter as crianças na escola, garantindo o direito básico e educação para todos.

Já outras professoras entrevistadas falaram que para elas “a leitura é apenas um hábito; leem apenas os livros didáticos porque são necessários, mas não têm o hábito de ler outras coisas”.

Percebemos com esta fala que os professores não expressam o interesse pela leitura, fazendo deles uns profissionais com visão tradicional, onde ler os livros didáticos basta, demonstrando que não visualiza novos horizontes.

Hillal (1985, p. 132), diz que:

Ao professor é que cabe a tarefa de procurar no aluno o interesse pelo que ele vai ensinar se o professor não sabe apresentar aos alunos o alimento intelectual, de tal maneira que mantenha vivo o interesse deles, esse interesse corre o risco de ir diminuindo até o ponto de desaparecer.

É notório que as entrevistadas têm visões bem diferentes no que diz respeito ao incentivo a leitura, fica claro que quando o educador é dinâmico, empreendedor, este tem uma influência diferenciada com os alunos. Percebemos na fala de algumas professoras que ao incentivar os alunos a lerem “bulas de remédios” está tendo uma visão futurística, pois sua intenção é que as crianças aprendam novas

palavras e desenvolvam cada vez mais o interesse pela leitura, claro que não idade dos alunos da entrevistada não se deve exigir que eles leiam livros científicos até porque ainda estão “verdes” no que concerne a leitura.

No entanto outras professoras demonstram mais uma vez uma visão tradicional aonde o aluno vai à escola para aprender a ler as palavras que estão escritas no quadro negro, bloqueando os mesmos de ter oportunidades de conhecer novas leituras; até porque se o aluno não tem essa prática revitalizada na escola dificilmente em casa os pais irão incentivá-los a tais leituras. No entanto é válido enfatizar que as professoras têm licenciatura plena em pedagogia e outras têm o magistério com vinte e quatro anos de profissão e não manifestam o desejo de cursar o nível superior por se achar segundo ela “velha e perto de se aposentar”, talvez isso venha justificar a visão “fechada” de tal educadora.

Portanto, foi possível analisar com esta pesquisa que a dificuldade enfrentada pelos alunos para aprender a ler e escrever advém do incentivo e da forma como isso está sendo repassado para eles, e que apesar do ensino tradicional vir dando lugar a uma prática construtivista ainda perdura no seio da educação um tradicionalismo forte, que focaliza o ensino voltado para o quadro negro e o giz, não objetivando a ascensão do aluno de forma rápida, no entanto, observamos também que apesar de estarem apenas no 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental básico, os alunos demonstraram estar atentos, com o novo ensino e com a prática da leitura como um bem para o futuro.

5. CONCLUSÕES

Consideramos que a pesquisa realizada nas escolas do ensino fundamental do Município de Frei Martinho que são: Escola Municipal de Ensino Fundamental Eliete Souza de Araújo Silva (Zona urbana); EMEF João Fernandes Falcão- Comunidade Timbaúba de Baixo e EMEF Joaquim Domingos de Moura - Comunidade Quixaba, trouxe-nos resultados significativos acerca das dificuldades encontradas pelos professores no processo da leitura e da escrita. A experiência obtida com o trabalho foi relevante em todos os aspectos educacionais. Os conhecimentos adquiridos serviram-nos como suporte para a prática pedagógica.

No entanto acreditamos que para acontecer o avanço na prática da leitura e da escrita é preciso que os professores sejam comprometidos com a desmistificação das relações sociais, tenham clareza teórica e estimule a presença, a discussão, a pesquisa, o debate e enfrentamento de tudo que se constrói o ser. Além do mais, que esse profissional seja reflexivo em sua prática pedagógica, deve ser sensível à apreensão de possibilidades alternativas, deve ter consciência que é passível de erros, esteja sempre se questionando no seu fazer em sala de aula, indo além das atividades imediatistas, tendo em mente o tipo de homem que quer formar.

Compreendemos que o processo de leitura e escrita inicia muito antes da criança entrar em contato com o mundo adulto, recebendo estímulo para depois chegar à escrita convencional. O estudo mostra que existe uma prática de leitura em nossas salas de aula muito empobrecidas com relação à interação entre os alunos e o texto. Nossa pesquisa apresentou essa dicotomia entre o ensino e a aprendizagem. Vemos ainda que falta ao professor um olhar mais detalhado da educação, para uma redefinição de seu papel em sociedade, buscando com isso uma ampliação da sua fala para a sala de aula.

Contudo, vimos que a prática de leitura errônea que temos em nossas salas não se restringe ao âmbito municipal, e sim a nível nacional. Assim, o aluno continua a fazer leituras empobrecidas de textos que não refletem a realidade em sala de

aula. E mais, ao conceber a leitura como decodificação o aluno acaba criando aversão à leitura já que sua prática com leitura na sociedade é muito diferente das que ele executa em sala de aula, voltada exclusivamente para leitura em voz alta ou silenciosa e cópia do texto.

Dessa maneira, temos que resignificar a prática de leitura partindo do conhecimento prévio do aluno e das práticas que ele traz para a sala, fazendo de sua vivência o alicerce para as aulas de leitura, pois só assim poderemos ter alunos que leem não mais por obrigação e sim por prazer. Entretanto, vemos que falta ainda uma melhoria nos materiais de leitura trazidos para a sala de aula que em geral só se utilizam o livro didático com suporte metodológico e que mesmo sendo usado à risca é visto como material empobrecido, pois só se utiliza de textos como pretexto para atividades posteriores como a gramática, à cópia e/ou exercícios escritos.

Portanto, é necessário que todos que fazem a educação se preocupem com essas causas aqui discutidas ao longo desta pesquisa, já que muitos são os estudos e poucas são as ações e intenções para melhorar a qualidade da leitura em sala de aula principalmente das escolas de ensino fundamental municipal. Assim acreditamos que não basta só evidenciar os problemas da educação é necessário que haja comprometimento de todos os órgãos competentes buscando sempre a melhoria do aluno.

6. REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Regina Sodré. **Alfabetização. São Luis**: UEMANET, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB Lei nº 9394/96.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Básica (SEB) **Pró-Letramento: Alfabetização e Linguagem**. Brasília: MEC; SEB, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC; SEF, 1997. V. 2.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Básica (SEB). **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**: Brasília; MEC; SEB, 2012.

BIZZOTO, Maria Inês. AROEIRA, Maria Luisa. PORTO. Amélia. **Alfabetização Linguística: da teoria a prática**. 1ª Ed. Belo Horizonte, Dimensão, 2010.

BOGDAN, R. C. E BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994. (Coleção Ciências da Educação/ Orientado por Maria Teresa Estrela e Albano Estrela)

Bhola, H. S. **Avaliando Alfabetismo Funcional**. Amershan: Hulton Educacional Publications, 1979

CAGLIARI, Gladys; CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização sem o babebibobu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COOK-GUMPERZ, J. (1991). **Alfabetização e escolarização: uma equação imutável?** In: Cook- Gumperz, Jenny. (org.). **A construção social da alfabetização.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1991

FERREIRA, Andrea. T.B. e LEAL, Telma F. A. A formação continuada de professores: enfim o que pensam e sugerem os docentes? In **Formação Continuada de professores: Reflexões sobre a prática.** Recife: Editora Universitária, UFPE, 2010.

FERREIRA, Andrea. T.B. **Os saberes docentes e sua prática.** In: Andrea Tereza Brito Ferreira; Eliana Albuquerque; Telma Leal (org.) **Formação Continuada de Professores: questões para reflexões.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. V. 1, p. 51-64.

FERREIRO, Emilia, ET AL. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação.** Sociedade & Educação. Campinas, v.33, n.119, 2012.

HILLAL, Josephine. **Relação Professor–aluno: formação do homem consciente.** 2ª edição. Revisão: José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coleção Educar Hoje).

KLEIMAN, Ângela B.(org.) **Os Significados do letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita.** São Paulo: Mercado das letras, 1995.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, Leitura e Escrita. Formação de Professores em Curso.** 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1982.

LÜDK, M. e ANDRÈ M.E.D.A., **Pesquisa em Educação: abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

NÒVOA, Antonio, **Vida de Professores** (org.) Porto: Porto Editora, 1995.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. São Paulo: Zaher, 2001.

SMOLKA, A. L. **A criança na fase inicial da escrita: Alfabetização como um processo discursivo**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003/204.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

7. ANEXOS



CES- Centro de Educação e Saúde

Especialização em Educação com Foco em Ensino Aprendizagem

Componente Curricular: Projeto de Pesquisa

Professor e Orientadora: Denise Domingos

Cursista: Maria de Fátima Gomes de matos Santos

SUGESTÃO DE QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA

CUITÉ- 2013

1º) PERFIL DO ENTREVISTADO

ESCOLA QUE LECIONA:

FORMAÇÃO DOCENTE:

EXPERIÊNCIA:

ESPECIALISTA: SIM () NÃO ()

SE SIM EM QUE
ÁREA: _____

2º) DADOS PESSOAIS

SEXO: () MASCULINO () FEMININO

FAIXA ETÁRIA: () 20 A 25 ANOS; () 25 A 30 ANOS; () MAIS DE 30 ANOS

3º) Você considera importante a formação do professor para uma boa prática pedagógica em sala de aula? ()SIM ()NÃO Por quê?

4º) Você considera sua formação docente satisfatória para o desempenho de suas funções como alfabetizadora? Justifique.

5ª) você acha que os cursos de Formação Continuada para professores em serviço facilitam e/ou diminuem as dificuldades que o professor encontra para desenvolver um bom trabalho alfabetizador? Por quê?

6ª) Na sua opinião como a criança aprende?

7ª) Quais os tipos de metodologias que você considera mais eficazes no processo de ensino/aprendizagem, especificamente no ciclo da alfabetização?

8ª) Das metodologias citadas anteriormente, quais você mais utiliza para desenvolver o processo de alfabetizar letrando?

9ª) A alfabetização é compreendida por diversos teóricos como sendo a apropriação de diferentes linguagens. E você, como vê esse processo no seu dia-a-dia?

10ª) Defina alfabetização e letramento?

11ª) O MEC está propondo e pactuando com Estados e Municípios a alfabetização de crianças até os oito anos de idade. Você acredita ser importante estabelecer ou determinar uma idade para a criança aprender a ler, escrever e contar?

12ª) Na sua prática diária, o que significa essa proposta do MEC?

13ª) Sabemos que o planejamento é essencial em qualquer prática humana. Partindo desse princípio, qual o grau de importância que tem o planejamento na sua prática alfabetizadora?

14ª) A realidade dos alunos, o conhecimento que eles já demonstram é levado em consideração para o seu planejamento de estratégias e ações alfabetizadoras? Como?

15ª) Existe relação entre o Projeto Político Pedagógico da Escola e o seu planejamento de aula? Qual?

16ª) quais suas maiores dificuldades para planejar o dia-a-dia da sala de aula de alfabetização?

17ª) Como a escola está estruturada, em termos pedagógicos, para subsidiar a proposta de alfabetizar letrando desempenhada pelos professores?

18ª) Liste os principais desafios apresentados diariamente na sua prática pedagógica que dificultam seriamente a alfabetização e o letramento das crianças.

19ª) Qual a importância de um ambiente alfabetizador na sala de aula para a construção da leitura e da escrita na criança?

20ª) Você considera que a relação da professora com a família colabora ou dificulta o trabalho do professor? De que maneira?

21ª) A maturidade do aluno e a quantidade por sala pode ser considerado um problema ou um desafio ao ato de alfabetizar? Justifique.